

Ana Nunes

nunes.acatarina@gmail.com

Novos desafios, novas conquistas: renovação do serviço educativo do Museu Marítimo de Ílhavo

O presente artigo baseia-se na Dissertação de Mestrado intitulada "Novos Desafios, Novas Conquistas: Renovação do Serviço Educativo do Museu Marítimo de Ílhavo", desenvolvida no âmbito do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, segundo a orientação Professora Doutora Alice Semedo.

This article is based on the Master's Dissertation entitled "Novos Desafios, Novas Conquistas: Renovação do Serviço Educativo do Museu Marítimo de Ílhavo", developed in the context of the Museology Master degree course at Oporto University Humanities Faculty, under the supervision of Professor Alice Semedo.

<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55313>

Resumo

O conceito de museu tem-se vindo a alterar ao longo dos tempos. As suas características, a sua função e objetivos têm ido ao encontro de um mundo em constante mudança. O presente trabalho procura, assim, perceber esse novo paradigma de museu e, numa fase posterior, aplicar os conceitos teóricos às práticas educativas do Museu Marítimo de Ílhavo.

Através da metodologia investigação-ação, começa-se por fazer uma reflexão crítica acerca do museu no mundo contemporâneo e das teorias que o sustentam, nomeadamente a sua função educativa. Posteriormente, atenta-se o Museu Marítimo de Ílhavo através de uma análise das práticas educativas ao longo dos últimos anos e dos seus públicos. Por último, o produto final de toda a investigação, com a implementação de um projeto educativo para o ano letivo 2010/2011, onde se refletem os contextos teóricos analisados e a investigação feita no terreno, o Museu Marítimo de Ílhavo.

Palavras chave

Museu Marítimo de Ílhavo, Museus, Educação, Serviço Educativo, Públicos, Comunidades

Nota biográfica

Mestre em Museologia e licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O trabalho desenvolvido durante o mestrado centra-se nos serviços educativos em museus, tendo trabalhado no caso específico do Museu Marítimo de Ílhavo, onde estagiou. Atualmente é investigadora do CIEMar-Ílhavo, subunidade deste Museu, desde 2011, onde desenvolve trabalho de investigação em temática marítima. Colabora ainda com a área de serviços educativos através da investigação de conteúdos e propostas de oferta educativa.

Abstract

The museum concept has been changing over time. Their characteristics, their function and goals has been changing in a transformed world. This article seeks to understand this new paradigm of museum and, at a later stage, apply theoretical concepts to Maritime Museum of Ílhavo educational practices.

Through “knowledge for action” methodology, there is a critical reflection about the museum in the contemporary world and the theories that support it, including its educational function. Then, we focus on Maritime Museum of Ílhavo through an analysis of educational practices and its public over past few years. Finally, as a result of all work, we present the Education Project for the academic year 2010/2011, which reflects the contexts theoretical analysis and research done on the ground.

Key words

Maritime Museum of Ílhavo, Museums, Education, Educational Services, Public, Communities

Biographical note

Master in Museology and graduated in History of Art in the Porto University. The focus of the master monograph was centered in the educational services in museums, especially in the Maritime Museum of Ílhavo, where it was made the internship. Currently, is a researcher in CIEMar-Ílhavo, subunit of the Museum, since 2011, where develops work in the field of maritime cultures. Also collaborates in the area of educational services through the research of contents and proposals of activities.

Introdução

Palco de diversas alterações ao longo das últimas décadas, o museu é um reflexo da sociedade e dos seus ideais. Tornou-se um espaço complexo. Símbolo de pluralidade, são várias as disciplinas e os campos que os museus de hoje abraçam, tocando facilmente a vida de qualquer um de nós. Nele habitam múltiplas áreas, numa intersecção entre a conservação, a comunicação, a educação, a tecnologia, o entretenimento, o marketing e a economia. As mudanças verificadas e a complexidade adquirida devem-se, sobretudo, ao crescente reconhecimento da importância dos públicos, os quais, para além dos objetos, se tornam protagonistas do museu contemporâneo. Esta crescente importância exigiu do museu uma gradual adaptação, com o desenvolvimento de novas áreas de atuação, para além das suas tradicionais funções centradas nas coleções: a conservação, a investigação e a exposição. Distante está o museu virado para si próprio, como simples armazém de objetos. O museu é, cada vez mais, um espaço aberto aos e para os públicos. Proporcionar novas experiências, momentos de aprendizagem, confronto de ideias, colocar questões e lançar problemas, são alguns dos objetivos dos museus atuais, sendo o museu entendido como um espaço de autorreflexão, de inclusão e igualdade, e como um espaço educativo, que concorre para a aprendizagem ao longo da vida.

O presente trabalho propõe-se olhar sobre o crescente protagonismo dos públicos nos museus do mundo contemporâneo e na forma

como essa importância se reflete nas suas práticas. Atenta-se ainda na afirmação do museu como espaço de aprendizagem e na sua crescente importância no seio da comunidade em que se insere.

O desejo de perceber este novo paradigma de museu e de o confrontar com a realidade do Museu Marítimo de Ílhavo (MMI), levou ao desenvolvimento deste trabalho, eclodindo numa reflexão sobre as suas práticas educativas e na renovação da oferta educativa desta instituição.

I. Públicos, aprendizagens e inclusão no Museu do Mundo Contemporâneo. Contextos teóricos

1. Públicos: os outros personagens principais

Quando os públicos adquirem um novo protagonismo dentro dos museus, estes espaços redefinem-se. Uma nova atenção passa a ser dada à experiência da visita e a aprendizagem, que ocorre durante esta, torna-se a principal preocupação da instituição, indo ao encontro da responsabilidade social dos museus de hoje. É o público que confere sentido à existência e ao papel dos museus. A abertura dos museus aos públicos e o reconhecimento da sua importância implica o seu conhecimento. Querer atender e responder às necessidades de quem o visita e saber as razões dessa procura, permite ao museu adequar a sua oferta (Falk e Dierking 1992, 129). Torna-se, por isso, necessário perceber qual o

seu público-alvo para melhor o servir, não só os visitantes efetivos, mas também os potenciais (Hooper-Greenhill 1994,214).

A heterogeneidade caracteriza os públicos do museu (Hooper-Greenhill 1994, 67), havendo características que distinguem cada visitante: a comunidade a que pertence, os seus contextos social e político, gostos e diferentes necessidades. Ainda que cada visitante seja diferente, há elementos comuns que os unem e que lhes permitem criar tipologias e agrupá-los, geralmente por faixa etária. Cada grupo terá os seus interesses e necessidades e é ao encontro destes que, através de estudos qualitativos, o museu deverá caminhar. Conhecer as suas particularidades permite a redefinição dos objetivos dos museus e a existência de oferta educativa com conteúdos, metas e estratégias adequados aos mesmos (Falk e Dierking 1992, 124), tornando a experiência do visitante mais efetiva. Experiência esta que não se constrói só com a visita, mas que é o resultado de todo um conjunto de fatores: o espaço arquitetónico, a informação disponibilizada, o design expositivo, os espaços de descanso e o acolhimento por parte dos profissionais (Silva 2007, 58-59).

Para além da necessidade de conhecer os públicos, torna-se igualmente imprescindível saber chegar até estes: comunicar. O museu atual tem-se vindo a afirmar como um espaço de comunicação por excelência, onde conteúdos são transmitidos, onde se promove a reflexão e onde se colocam novos desafios a quem a ele acorre. Para a comunicação resultar, deve pensar no que se quer comunicar, a quem e de

que forma, ao contrário do que acontece com os meios de comunicação de massas. Até há algum tempo atrás, o visitante era visto como um ser passivo que, através dos modelos simples de comunicação, funcionava apenas como “recipiente” de informação. Porém, este método de comunicação não se coaduna com o momento presente. Segundo o modelo construtivista, o visitante dos dias de hoje é um ser ativo e pensante, que não se limita a absorver e armazenar a informação transmitida. O museu construtivista deve, assim, fomentar a participação e a motivação dos seus visitantes (Hooper-Greenhill 1994, 68). Logo, os modelos de comunicação devem considerar os visitantes como seres ativos, que reagirão à mensagem que lhes é transmitida. O visitante é, então, um ser ativo ao longo do processo de comunicação, refletindo-se através das suas perceções e atitudes ao longo da visita. E dada a sua heterogeneidade, torna-se imprescindível conhecê-lo, o que será possível através da avaliação.

Com origem nos anos 60, nos EUA e no Reino Unido, a avaliação qualitativa desenvolveu-se em paralelo com o estudo de públicos e com o *marketing* (Kotler e Kotler 2004, 167-186), ambos com a preocupação de proporcionar melhores serviços públicos (Faria 2000, 6). Por avaliação entende-se a conceção de juízos de valor, através da qual se confrontam os resultados, as intenções e os objetivos, sendo estes bem definidos e concretos (Hooper-Greenhill 2001, 102). Segundo George Hein, a avaliação tem duas preocupações principais: saber o que realmente acontece nos

programas de museus e a necessidade de saber se o que acontece é aquilo que se pretende (Hein 1994, 306), funcionando como uma demonstração e uma prova dos resultados de um projeto. Com benefícios externos, mas também internos, a avaliação permite aos profissionais de museus conhecerem o sucesso ou insucesso das suas práticas e assim possibilitar redefinir objetivos e estratégias. Através de métodos quantitativos (que atentam sobretudo em dados mensuráveis) ou qualitativos (que abordam a opinião dos públicos), a avaliação permitirá conhecer as necessidades e desejos destes, levando o museu ao encontro dos mesmos, fidelizando-os. Este é um reflexo da crescente importância dos públicos para os museus de hoje, no âmbito da responsabilidade social dos mesmos. Este papel social que os museus adquiriram reflete-se, igualmente, no papel educativo que lhes foi atribuído, desde há várias décadas, e ao longo das quais se têm vindo a afirmar.

2. Os museus de hoje: espaços de aprendizagem

Os museus converteram-se num lugar para aprender e desfrutar (Hooper-Greenhill 1998, 10). De repositórios de objetos passaram, paulatinamente, a espaços onde se promove a educação e a aprendizagem ativa. A educação passou a ser a *raison d'être* dos museus (Hooper-Greenhill 1998, 25), uma preocupação que se começou a revelar na primeira metade do século XX, quando alguns autores ligados ao mundo dos museus começaram a ganhar voz ativa na defesa de uma mudança nestas

instituições. É o caso de John Cotton Dana e Theodore Low (Low 2004). Esta mudança está ainda ligada à Segunda Guerra Mundial, dado que as mudanças sociais, económicas e culturais dela advindas refletiram-se na Museologia, nomeadamente quando se começou a dar primazia à ação social e educativa, com base no conceito de democratização: o museu passou a estar ao serviço da sociedade. Posteriormente, com o Pós-Colonialismo e o Movimento dos Direitos Cívicos, a democratização e a igualdade social ganham uma nova força (Wittlin 2004, 43). Verificou-se um reforço do papel educativo, uma crescente ligação à comunidade e um desenvolvimento do profissionalismo, passando de templo a fórum, segundo expressão de Duncan Cameron. Torna-se cada vez mais aberto, deixando também de ser visto como um espaço de legitimação total (Hooper-Greenhill 1997, 8).

Os Estados Unidos da América e o Reino Unido foram os primeiros países a dar a devida importância à educação em museus. Portugal estava à margem desta realidade. Porém, casos espontâneos mostravam que algo diferente se pretendia para o museu, como foi o caso do Museu Nacional de Arte Antiga e a ação vanguardista no panorama português do seu então diretor, João Couto. Consciente da importância do museu e dos seus profissionais, como mediadores das coleções e dos públicos, criou em 1953 o Serviço Infantil, pioneiro nos serviços educativos de museus em Portugal (Barros 2008, 23).

A função educativa e a importância dos públicos para os museus refletiram-se também ao nível da legislação. Destaca-se a nova definição de museu que surgiu da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, por iniciativa do *International Council of Museums* (ICOM): “instituição ao serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve” (Declaração de Santiago do Chile, 1972). Esta ligação do museu à comunidade é o reflexo da Nova Museologia, em que se apela às funções social e educativa, ideais reforçados pela criação, em 1984, da *Muséologie Nouvelle et Expérimentation Sociale* (MNES) e, em 1985, em Lisboa, do *Movimento Internacional para a Nova Museologia* (MINOM) (Martínez 2006, 271).

Ainda que esta teoria tenha surgido nos anos 60/70, só na década de 90 é que houve uma aplicação acentuada e alargada destas novas ideias, verificando-se, ainda, uma aproximação entre os museus e as universidades, que começaram a ter uma oferta de especialização nesta área, tornando-se numa das mais interdisciplinares do ensino superior (Macdonald 2006, 1). O museu passa então a ter como função primordial a educação, sendo esta ativa, voluntária, coletiva e exploratória, num processo de aprendizagem que envolve a memória, os sentimentos e as emoções. No caso português, esta função só é legitimada em 2004, pela Lei Quadro dos Museus (Lei n.º47/2004. D.R.I. Série A). No museu, ao contrário da educação formal, o visitante é estimulado e a

aprendizagem é promovida com base na criatividade, na exploração e aquisição de ferramentas que permitam, posteriormente, chegar a resultados (Hooper-Greenhill 1998,191). O museu tem, assim, a capacidade de expandir e reestruturar os esquemas conceituais dos seus públicos de forma aberta e ativa.

Hoje em dia, o foco de discussão em relação ao papel educativo dos museus relaciona-se mais com as aprendizagens e não tanto com a educação (Hooper-Greenhill 1994, 21), facto que se explica dentro do paradigma construtivista. Segundo este, o processo comunicativo não funciona como uma imposição, mas como uma negociação, sendo o próprio visitante a relacionar os novos conhecimentos com os previamente existentes (Hein 1994, 77).

Vários são os autores que nos últimos anos têm desenvolvido estudos acerca da aprendizagem em museus, despertando o interesse dos museus contemporâneos que refletem a teoria nas práticas. Entre estes encontram-se George Hein (2000), que ressalva a importância do espaço físico, John Falk e Lynn Dierking (1992), com a proposta de um modelo de aprendizagem no museu, considerando fatores como os contextos pessoal, social e físico, autores anteriormente citados, mas também Howard Gardner (1990), com a teoria das múltiplas inteligências. Todos estes autores seguem a linha de pensamento de Jean Piaget, que considera que “todo o conhecimento resulta da reorganização de um conhecimento anterior e toda a nova aquisição que tenha a marca da novidade é posta em

relação com aquilo que já foi adquirido previamente” (Silva 2007, 60).

Como espaço educativo, o museu necessita de criar as condições necessárias para se tornar, efetivamente, um espaço de aprendizagem. A existência de um serviço educativo funcionará como mediador, responsável por chegar aos públicos e atender às suas expectativas. Um serviço educativo é um serviço organizado que faz parte da estrutura orgânica do museu, com o objetivo de providenciar experiências educativas ao público. Sendo uma ponte entre públicos e coleções e tendo em conta a importância crescente dos públicos, torna-se necessária a existência de um serviço educativo de qualidade, pensado e planeado, com boas estratégias e tendo em conta as especificidades dos visitantes, cada vez mais exigentes. Pertencer ao serviço educativo de um museu exige a capacidade de autorreflexão e um constante repensar em tudo o que foi e está a ser feito (Talboys 2000, 16). Avaliar as práticas permite refletir e, conseqüentemente, melhorar a oferta. Salienta-se neste processo a figura do educador de museu, que se entende por “qualquer membro do *staff* do museu que tem responsabilidade específica para organizar serviços educativos, assim como assegurar que a educação do museu é mantida em discussão e planificação” (trad. Talboys 2000). Alvo de reflexões nos últimos tempos, reconhece-se cada vez mais a sua importância ainda que, por vezes, com desconfiança, o que se deve a vários fatores apontados por Talboys (2000, 19-22), nomeadamente fatores históricos, quanto à forma como o papel do educador é encarado no

museu ao longo dos tempos; conflitos de interesses entre os vários membros do pessoal do museu; e falta de integração do pessoal da educação no resto do *staff*. Muitas vezes o educador tem um perfil profissional pouco definido, o que contribui para essa falta de reconhecimento, podendo ser contrariado através de um trabalho desenvolvido em conjunto, por todos, já que o serviço educativo é uma “plataforma de sinergias” (Silva 2001, 19), em que várias áreas do museu, conservação, comunicação, educação, trabalham em conjunto e para um mesmo fim. Outro dos problemas para a sua integração é o facto da educação muitas vezes não estar enquadrada nas estruturas do museu.

O envolvimento do educador com o resto da equipa passa também pelo conhecimento acerca dos projetos a desenvolver, o que deve acontecer desde o início, colaborando com quem se ocupa dos estudos de públicos ou com quem desenha as exposições (Hooper-Greenhill 1994, 3). Deste modo, a comunicação entre o objeto e o visitante, a mediação, encontra-se facilitada (Hooper-Greenhill 1994, 21). Torna-se ainda necessário conhecer bem as coleções do museu, já que só conhecendo o seu património material poderá transmitir conteúdos através da oferta educativa. É à volta destes objetos que a aprendizagem deve acontecer e o contato direto com estes é essencial, tal como defende Graham Black (2005, 133). Este contacto cria expectativa e entusiasmo aos visitantes, sobretudo às crianças, energia que pode ser canalizada para a aprendizagem através de atividades práticas, nomeadamente através de oficinas ou

experiências (Hooper-Greenhill 1998, 220). A aprendizagem no museu não deverá ser um produto final, mas antes um processo ao longo da visita (Talboys 1996, 136-139). Ao visitante o museu deve igualmente propor novos desafios e levantar questões, envolvendo a mente e promovendo a reflexão. Fomenta, assim, uma aprendizagem ativa onde o visitante tem o papel primordial de ser o autor dos seus próprios conhecimentos. Esta valorização do público enquadra-se no conceito atual de museu, com responsabilidades sociais e um papel primordial no seio da comunidade, defensor da inclusão, igualdade e democratização cultural.

3. Museus e comunidades: uma ligação que se estreita

O museu, como espaço público e educativo, não é isolado. Encontra-se num determinado contexto físico, social e cultural, interligado e em interação com o meio envolvente: a comunidade. O novo paradigma de museu, com responsabilidades sociais, prima por uma ligação cada vez mais estreita com a comunidade em que se insere e à qual pertence. Na aceção tradicional da palavra, comunidade implica a existência do sentido de lugar, de redes sociais e de características comuns, nomeadamente crenças, história, interesses, religião, unida por laços que são alimentados pela convivência vicinal a que estão sujeitos (Crooke 2006, 173). A sua existência e a pertença à mesma, fazem parte de algo natural para o ser humano, como parte de um processo inevitável de criar o sentido de identidade e de gerar um sentimento de pertença (Crooke 2006, 173). O museu, espaço de memória comum dessa mesma

comunidade (Crane 2006, 99), deve funcionar como elemento agregador, envolvê-la e fazer com que sinta o museu como seu, identificando-se com o que nele se expõe. Deve dar-lhe oportunidade de ter voz ativa, proporcionar-lhe experiências educativas e democratizar o seu acesso, num espaço de e para todos.

Uma das primeiras referências à importância da ligação à comunidade surge no início do século XX, com John Cotton Dana (2004, 21), que defende a localização dos museus perto das cidades, para facilitar o seu acesso. Já na década de 70, os museus deram o grande impulso à sua vertente social com base na Nova Museologia que, segundo Peter Vergo (1993), defende uma nova forma de entender e de contextualizar o objeto e a exposição, revelando uma nova preocupação com questões de igualdade e democratização e demonstrando uma maior flexibilidade nas práticas do museu. É neste contexto que surgem os museus de vizinhança, o ecomuseu e o museu comunitário. Em Portugal, este passo só se refletiu após a revolução de 25 de abril de 1974, através do papel ativo das autarquias. No entanto, esta mudança já se vinha a desenhar desde o pós-Segunda Guerra Mundial, com as mudanças no panorama social e político, com o advento dos movimentos em defesa dos direitos civis e de igualdade. Em 1948 adota-se a Declaração Universal dos Direitos do Homem e, a partir dos anos 60, o movimento pelos direitos civis, por exemplo, igualdades de género, raça e étnica, ganha maior visibilidade através dos meios de comunicação (Anderson 2004, 11), contribuindo, para isso, a

independência das colónias e o desenvolvimento das teorias. Por outro lado, verificou-se ainda uma crescente heterogeneidade da sociedade, com um fenómeno crescente de imigração. No mundo dos museus, só nos anos 80 é que questões como igualdade e o racismo passaram a ser alvo de atenção por parte da comunidade museológica (Anderson 2004, 11). A conceção de coleção e de arte provinha da época colonial, com uma noção binária do mundo e uma predominância das relações hierárquicas. Com a sua abolição, o conceito de arte deixou de ter somente uma perspetiva ocidental e passou a ser dado enfoque às produções artísticas não-ocidentais e provenientes de culturas minoritárias (Karp e Lavine 1997, 4). As comunidades de imigrantes e de descendentes das antigas colónias passaram a querer ter voz ativa na sociedade. Assim, o museu teve que deixar de dar somente espaço às grandes narrativas da história da nação (Crooke 2006, 182), voltando-se para as comunidades sub-representadas, afirmando-se como espaço de democratização, ser a voz de uma sociedade plural, utilizando os significados que constrói de forma positiva e desempenhando uma cidadania ativa (Semedo, 2009).

Para se aproximar da comunidade, o museu precisa de a conhecer, de forma a saber quais as suas motivações, promovendo, assim, o seu envolvimento. O museu deverá, então, desenvolver projetos que afirmem a identidade local, que promovam a sua representação e que apresentem perspetivas múltiplas, num trabalho conjunto de negociação, sendo para isso crucial o papel do serviço educativo que estimula a

criação de uma relação de confiança e cumplicidade. O museu deve ser parte vital da comunidade, contribuindo para o sentido de identidade e, por sua vez, a comunidade dever-se-á sentir nele representada. O museu é, afinal, um espaço de representações (Weil 2004, 75), um espaço onde a neutralidade está ausente e onde há valores sociais, culturais ou políticos subentendidos. Com o museu inclusivo, também as comunidades não-ocidentais passaram a estar representadas, contribuindo para uma democratização social.

O museu, cada vez mais, afirma e consolida a sua responsabilidade social através do seu papel educativo e inclusivo. Fomentar aprendizagens ativas, promover o conhecimento e o raciocínio, lutar pela igualdade e pela democratização social, são ações que espelham o novo paradigma de museu em pleno século XXI. O Museu Marítimo de Ílhavo é exemplo disso.

II. Investigar para agir: o Museu Marítimo de Ílhavo

Reformulado em 2001, o MMI tem sofrido, desde então, um crescimento significativo do número de visitantes, divididos entre o próprio MMI e o seu pólo, o Navio Museu Santo André (NMSA). Perante estes números, sobretudo grandes grupos escolares com origem nos mais variados pontos do país, que pretendem ver o museu na íntegra, mas também face à falta de adesão à oferta educativa adaptada aos diferentes níveis de ensino, à falta de práticas definidas em relação ao serviço educativo e à

carência de alguém que se dedicasse somente a este, e com uma valorização das faixas etárias mais baixas, em detrimento dos públicos adulto e sénior, tornou-se necessário repensar as estratégias educativas existentes.



Figura 1 Museu Marítimo de Ílhavo © Museu Marítimo de Ílhavo, 2013

O projeto desenvolvido no MMI teve o seguinte fim: traçar para o ano letivo 2010/2011 ações futuras para, paulatinamente, as colocar em prática, com o intuito de melhorar e enriquecer as experiências educativas do museu, tendo como base os contextos teóricos analisados e a investigação feita acerca da instituição. Através da metodologia “investigação –na/pela ação”, procedeu-se ao conhecimento do MMI, campo de ação, para, posteriormente, se proceder à ação: propor e implementar outras práticas. Esta metodologia tem como objetivos a produção de conhecimentos sobre a realidade (investigação), a introdução de transformações numa situação, com o fim de solucionar problemas (inovação) e o desenvolvimento de um processo de aprendizagem social, envolvendo todos os participantes, no quadro de um processo mais amplo de transformação social, cultural e política (Esteves, 1999).

O trabalho teve várias fases. Primeiramente, através da investigação realizada, obtiveram-se conhecimentos acerca da sua origem, do contexto em que foi fundado, da sua missão e objetivos iniciais, servindo, igualmente, para compreender o seu percurso ao longo dos anos, nomeadamente após a sua renovação em 2001. Foi ainda feita investigação acerca do papel da educação e a oferta educativa do mesmo, sobretudo a partir dos anos 80. A verdade é que já na década de 90, e sob direção de Ana Maria Lopes, o Museu revelava preocupação ao nível da educação, nomeadamente em projetos com a antiga Escola Preparatória de Ílhavo, localizada junto a este.

Em 2001, com a reabertura do Museu, o serviço educativo iniciou uma nova etapa. Com uma vocação marcadamente marítima, adquire um novo pólo, o NMSA, assistindo-se a um significativo aumento no número de públicos. Com o fim de relançar o museu recentemente inaugurado, criam-se projetos com as escolas do Município, contribuindo para uma aproximação entre o novo espaço e a comunidade. Porém, é sobretudo a partir de 2003, sob direção de Álvaro Garrido, que o Museu adquire um maior reconhecimento, o que se espelhou, em paralelo, num desenvolvimento do serviço educativo: criação de uma mascote (Gaspar); o lançamento do guia do museu; o alargamento da área de divulgação da oferta educativa; a criação de visitas adaptadas às várias faixas etárias; e o desenvolvimento de atividades em dias comemorativos.

Para além da investigação, foi ainda realizada uma avaliação preliminar ou diagnóstica, através de métodos quantitativos e métodos qualitativos. Em relação aos primeiros, procedeu-se a uma análise dos públicos da instituição, através dos dados obtidos nas agendas de marcações de visitas, entre 2001 e 2009, recolhendo-se informação acerca dos públicos e inserindo os dados em tabelas, por tipologias. Ressalva-se a fragilidade destes dados, uma vez que contemplam apenas o público que visitou o museu através de marcação prévia e em grupo. No entanto, existe ainda o público que o visita livremente. Assim, com base no número de visitantes conhecido e no sistema informático de venda de bilhetes a partir do ano 2001, foi possível criar gráficos de forma a conhecer a evolução do número total de visitantes. Esta análise estatística permitiu conhecer os públicos-alvo do museu, aqueles que efetivamente continuam a ser conquistados e aqueles que, pela baixa adesão, são potenciais visitantes e deverão ser conquistados pela instituição.

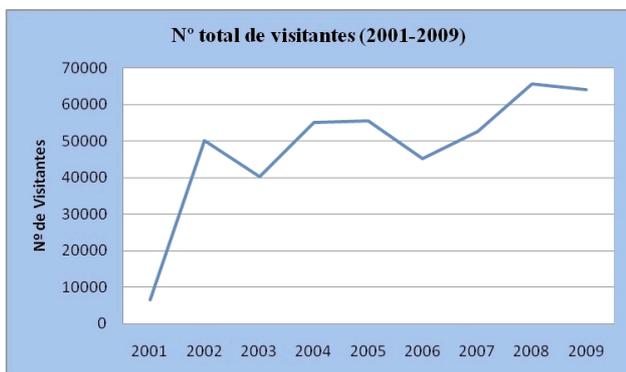


Figura 2 Estatística Anual de Visitantes com Base no Sistema de Gestão de Bilheteira © Ana Catarina Nunes, 2010

Com esta análise de públicos chegou-se a algumas conclusões:

Entre outubro de 2001 e o final de 2009, o MMI recebeu 246 042 visitantes e o NMSA 169 152 visitantes, incluindo os que visitaram livremente o museu sem marcação prévia;

O público escolar representa 68% dos visitantes do museu, sendo o que tem maior expressão;

Os públicos com mais expressão no museu são, sobretudo, crianças e jovens em contexto escolar, salientando-se o 1.º ciclo, representando 51% do total de visitantes, em detrimento do Ensino Profissional e do Ensino Superior;

A faixa etária com maior expressão é entre os 6 e os 10 anos, muito por influência da adesão do 1.º ciclo, com 35%. O público adulto e sénior, ainda que não muito expressivo, começa a ter uma adesão crescente. De notar que estas faixas etárias também se dirigem ao museu em contexto familiar (visita livre), não estando assim contemplados nas visitas marcadas previamente;

A adesão às atividades de serviço educativo, ou seja, a oferta específica para os vários níveis de ensino, foi bastante baixa, correspondendo a apenas 6% das visitas marcadas previamente;

As escolas do Município deixam de ser tão expressivas a partir de 2005, ao contrário das do resto do país que aderem sobretudo às visitas integrais;

A proveniência dos visitantes é, sobretudo, do distrito de Aveiro, seguido de Porto, Coimbra e Viseu.

Para analisar qualitativamente os públicos, recorreu-se à entrevista, a fim de conhecer opiniões, interesses e expectativas dos funcionários do museu (aqueles que lidam diariamente com os públicos) e de uma parte da comunidade local. Através das entrevistas aos onze funcionários do museu pretendia-se conhecer os pontos fracos e fortes do serviço

educativo do MMI, numa perspetiva pessoal. A entrevista era composta por cinco questões, sendo as duas primeiras acerca de serviços educativos no geral e, as restantes, acerca deste serviço no MMI.

Foram igualmente entrevistados três membros da direção de três períodos diferentes, de forma

Forças	<ul style="list-style-type: none"> • Variedade de Coleções existente, em exposição e em reservas; • Variedade de temas relacionados com a temática do Museu; • O bom serviço de visitas guiadas; • Formação variada do pessoal do museu; • Espaço do museu como local de memória e identidade local; • O próprio espaço físico do museu.
Fraquezas	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de variedade da oferta educativa ao longo dos últimos anos; • Falta de preparação prévia dos alunos, por parte dos professores; • Pouca divulgação da oferta educativa; • Inexistência de uma equipa responsável exclusivamente pelo SE; • Preferência por visitas guiadas integrais em detrimento das visitas temáticas; • Decrescente adesão por parte da comunidade escolar.
Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> • Explorar colecções até então pouco exploradas; • Explorar o próprio edifício; • Estreitar laços com a comunidade local, não só escolar mas também instituições e associações; • Criar sentimento de pertença em relação ao Museu na comunidade local; • Definir e implementar novos objectivos, novas estratégias e novas práticas; • Diversificar a oferta educativa; • Diversificar o tipo de oferta em relação aos públicos a quem se destina, nomeadamente seniores e pessoas com limitações físicas, intelectuais ou sociais.
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> • Desinteresse e desmotivação por parte dos públicos, nomeadamente professores, em relação à oferta educativa; • Não aceitação da exclusiva vocação marítima do MMI por parte da comunidade local; • Falta de disponibilidade no calendário escolar para a realização de uma visita • Falta de motivação por parte dos alunos pela repetição a que estão sujeitos durante uma visita integral; • Falta de uma equipa bem estruturada de serviço educativo, que promova uma coordenação, planificação e implementação de programas educativos adequados à realidade dos públicos; • Afluência de visitantes em contexto escolar demasiado vasta, com grupos de visita com excessivo número de elementos.

Figura 3 Análise SWOT das respostas obtidas nas entrevistas © Ana Catarina Nunes, 2010

a ter uma perceção do percurso das práticas educativas ao longo dos últimos anos: Ana Maria Lopes, diretora entre 1990 e 1999; Paula Ribeiro, representante do período entre o ano 2001 e 2003, aquando da direção do Capitão Francisco Marques; e Álvaro Garrido, diretor entre 2003 e 2009 e membro da direção até ao presente. As questões realizadas dividiam-se em dois grupos: o primeiro relacionado com a opinião pessoal dos mesmos em relação aos museus e ao seu papel educativo; o segundo relacionado com questões relativas às várias direções.

Para além de se fazer ouvir o Museu, era necessário dar voz ao “outro lado”, aos públicos que, neste caso, se centraram na comunidade escolar local. Dada a proximidade do estabelecimento de ensino e o facto de não ser, entre as restantes escolas do município, aquela que mais adere às iniciativas do Museu, decidiu-se entrevistar oito docentes das áreas disciplinares de História, Português, Geografia e Educação Visual, uma vez que são as que mais se aproximam das temáticas expostas.

Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas para posterior preenchimento de uma grelha de análise *Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats* (SWOT), que permitiu encontrar as forças (pontos fortes), as fraquezas (pontos fracos), as oportunidades e as ameaças relativamente ao serviço educativo do MMI. Apresentam-se, de seguida, os resultados obtidos.

A partir desta tabela pôde ser feita uma reflexão e reavaliação das práticas de serviço educativo,

para redefinir os objetivos e a ação do mesmo, em confronto com aquilo que se pretende para o museu de hoje.

III. Novos rumos: mudança e outras práticas no museu

Depois da investigação, chega-se ao momento da ação. Esta reflete-se não só no projeto educativo para o ano letivo 2010/2011, que traça novos rumos, mas também no trabalho desenvolvido ao longo dos meses de estágio. Durante todo este período, para além da investigação realizada, foi necessário ir enriquecendo a oferta educativa existente. O trabalho realizado teve duas frentes principais: por um lado, a oferta regular do serviço educativo, englobando, sobretudo visitas temáticas e visitas adaptadas a unidades curriculares; por outro, a oferta relativa às exposições temporárias, férias escolares e dias comemorativos.

Em relação ao Projeto, para além de divulgar nova oferta educativa, contém um manual de boas práticas, no qual se identificam competências e definem procedimentos a tomar por uma equipa de serviço educativo, proposta igualmente neste documento, à frente da qual deverá estar um coordenador. Os seus objetivos pretendem estabelecer estratégias, práticas e programas a desenvolver. Definiu-se também a sua estrutura e funcionamento, assim como práticas de divulgação e avaliação. Propôs-se, ainda, uma nova oferta educativa dividida por

públicos-alvo, mais adequada e com mais qualidade. Foram propostos, ainda, projetos com escolas (tendo em conta as propostas feitas pelos docentes nas entrevistas) e com a Universidade de Aveiro, a realização de encontros e debates e a criação do Clube do Gaspar. Foram igualmente propostos projetos com a comunidade local.

Durante o estágio, foi sendo enriquecida a oferta educativa. Foram feitas planificações para todas as visitas, de forma a definir procedimentos, verificando-se, sobretudo, alterações ao nível das estratégias, optando-se por uma experiência mais interativa, com uma autoconstrução de conhecimentos. À medida que a necessidade o exigia, foram criadas atividades no âmbito das férias escolares de Carnaval, Páscoa e Verão, tendo sempre como base as coleções do museu. Promoveu-se o debate, a reflexão e recorreu-se a diversos facilitadores de aprendizagem: oficinas de expressão plástica e dramática, jogos de equipa e momentos de debate.



Figura 4 Oficina Criativa "Com Pomar uma História Vamos Contar" © Museu Marítimo de Ílhavo, 2009

Considerações finais

O estágio no Museu Marítimo de Ílhavo teve como objetivo implementar mudanças no serviço educativo com vista a melhorá-lo e a torná-lo mais eficiente, promovendo as suas coleções e estreitando laços com o público. E este trabalho teve reflexos claros.

O Projeto Educativo foi em grande parte implementado. De entre os projetos propostos salienta-se o "Filho de Peixe Sabe Nadar", que envolveu as escolas do 1.º Ciclo do Município, e estreitou laços entre crianças e familiares ligados à pesca do bacalhau. Hoje continua a ser implementado, contando na última edição com a adesão de 10 escolas. O Clube do Gaspar, também proposto, encontra-se em vias de ser implementado.

Foi criada uma equipa de serviço educativo que passou a ter responsabilidades bem definidas, no que toca à preparação e realização de visitas, tendo-se verificado uma uniformização na realização de visitas. Em relação ao trabalho com seniores, tem vindo a ser desenvolvido, especialmente, durante o período de férias escolares e em dias comemorativos.

A nova oferta educativa, adequada a cada nível de ensino, teve bastante adesão por parte das escolas que nos visitaram e junto das quais foi promovida, em detrimento das habituais visitas integrais, sobretudo por parte das escolas do Município.

Entretanto, em janeiro de 2013, houve um ponto de viragem no MMI com a inauguração do

Aquário dos Bacalhaus, fruto de uma ampliação do edifício. Entre janeiro e maio do corrente ano, o MMI recebeu 34.805 visitantes, mais de 2/3 do que o número relativo ao ano transato. Perante isto, e para não se colocar num plano secundário o espaço expositivo do museu em relação ao aquário, tem-se verificado um desejo crescente de ver integralmente o museu. Assim, e dado o elevado número de visitantes, a equipa de serviço educativo adaptou as visitas integrais às várias faixas etárias, no que toca a conteúdos, estratégias e percursos. Esta é ainda uma fase de adaptação para todos.

Este trabalho foi enriquecedor não só para a autora, mas também, e sobretudo, para a equipa do museu e para os públicos, uma vez que ainda hoje se continuam, em parte, a implementar as propostas apresentadas, refletindo-se num serviço educativo de qualidade, em constante construção. No entanto, há ainda um longo caminho a percorrer para continuar a criar novos desafios e alcançar novas conquistas.

Referências bibliográficas

- Anderson, Gail. 2004. *Reinventing The Museum: Historical and Contemporary Perspectives on the Paradigm Shift*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Barros, Ana Bárbara. 2008. *De Corpo e Alma: Narrativas dos Profissionais de Educação em Museus da Cidade do Porto*. Dissertação de Mestrado em Museologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponibilizado em URL: <http://museologiaporto.ning.com/> e acedido em 15 de novembro de 2009.
- Black, Graham. 2005. *The Engaging Museum. Developing Museums for Visitor Involvement*. London: Routledge.
- Crane, Susan. 2006. "The Conundrum of Ephemerality: Time, Memory and Museums" in MacDonald, Sharon (Ed) *A Companion to Museum Studies*. Oxford: Blackwell.
- Crooke, Elizabeth. 2006. "Museums and Community" in MacDonald, Sharon (Ed) *A Companion to Museum Studies*. Oxford: Blackwell.
- Dana, John Cotton. 2004. "The Gloom of the Museum" in Anderson, Gail (Ed.) *Reinventing the Museum: Historical and Contemporary Perspectives on the Paradigm Shift*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Declaração de Santiago do Chile. 1972. *Apresentada na Mesa Redonda de Santiago do Chile*. Disponibilizado em URL: <http://www.revistamuseu.com.br> e acedido em 18 de março de 2010.
- Delanty, Gerard. 2003. *Community*. London & New York: Routledge.
- Esteves, António Joaquim. "A Investigação-Ação" in Silva, Santos A. e Pinto, J. Madureira *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento, 1999.
- Falk, John e Dierking, Lynn D. 1992. *The Museum Experience*. Washington D.C.: Whalesback Books.
- Faria, Margarida Lima de. 2000. *Projecto Museus e Educação*. 2000. Disponibilizado em URL: <http://www.diaadia.pr.gov.br/museudaescola/arquivos/File/museus-educacao.pdf> e acedido em 10 de outubro de 2009.
- Gardner, Howard. 1990. *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*. New York: Basic Books.
- Garrido, Álvaro e Lebre, Ângelo. 2007. *Museu Marítimo de Ílhavo: Um Museu com História*. Ílhavo: Âncora Editora e Câmara Municipal de Ílhavo.
- Hein, George E. 1994. "Evaluation of Museum Programmes and Exhibits" in Hooper-Greenhill, Eilean *The Educational Role of the Museum*. London: Routledge.
- Hein, George E. 2000. *Learning in the Museum*. London: Routledge.
- Hein, George H. 1994. "The Constructivist Museum" in Hooper-Greenhill, Eilean *The Educational Role of the Museum*. London: Routledge.
- Hooper-Greenhill, Eilean. 2001. "Avaliação" in *Encontro Museus e Educação. Actas*. Lisboa: IPM.
- Hooper-Greenhill, Eilean. 1997. *Cultural Diversity. Developing Museum Audiences in Britain*. London: Leicester University Press
- Hooper-Greenhill, Eilean. 1998. *Los Museos y sus Visitantes*. Madrid: Ediciones Trea, S.L.
- Hooper-Greenhill, Eilean. 1994. *The Educational Role of the Museum*. London: Routledge.
- Karp, Ivan e Lavine, Steven. 1997. *Exhibiting Cultures. The Poetics and Politics of Museum Display*. Washington & London: Smithsonian Institution Press.
- Kotler, Neil; Kotler, Philip. 2004. in Anderson, Gail (Ed.) *Reinventing the Museum: Historical and Contemporary Perspectives on the Paradigm Shift*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Lei nº 47/2004. D.R.I. Série A. (19-08-2004) 5379.
- Low, Theodore. 2004. "What is a Museum?" in Anderson, Gail (Ed.) *Reinventing the Museum: Historical and Contemporary Perspectives on the Paradigm Shift*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Macdonald, Sharon (Ed.). 2006. *A Companion to Museum Studies*. Oxford: Blackwell.
- Martínez, Javier Gomez. 2006. *Dos Museologías. Las Tradiciones Anglosajona y Mediterránea: Diferencias y Contactos*. Gijón: Ediciones Trea, S.L.

Peralta, Elsa. 2007. "Museus e Comunidades: em Ensaio Antropológico a Propósito da História do Museu Marítimo de Ílhavo" in Garrido, Álvaro, Lebre, Ângelo *Museu Marítimo de Ílhavo: Um Museu com História*. Ílhavo: Âncora Editora e Câmara Municipal de Ílhavo.

Semedo, Alice. 2009. "A Pilot Project at the Paper Money Museum, Porto (Portugal)", in *The International Journal of the Inclusive Museum*. Disponibilizado em www.scribd.com e acedido em 20 de março de 2010.

Silva, Raquel Henriques da. 2001. *Encontro Museus e Educação*. Actas. Lisboa: Instituto Português de Museus.

Silva, Susana Gomes da. 2007. "Enquadramento Teórico para uma Prática Educativa nos Museus in *Serviços Educativos na Cultura*. Coleção Públicos, n.º2. Porto: Setepés.

Talboys, Graeme K. 2000. *Museum Educator's Handbook*. Aldershot: Gower.

Talboys, Graeme K. 1996. *Using Museums as an Educational Resource: An Introductory Handbook for Students and Teachers*. Aldershot: Arena.

Weil, Stephen E. 2004. "Rethinking the Museum: An Emerging New Paradigma" in Anderson, Gail (Ed.) *Reinventing the Museum: Historical and Contemporary Perspectives on the Paradigm Shift*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.

Wittlin, Alma. 2004. "A Twelve Point Program for Museum Renewal" in Anderson, Gail (Ed.) *Reinventing the Museum: Historical and Contemporary Perspectives on the Paradigm Shift*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.

Vergo, Peter. 1993. *The New Museology*. London: Reaktion Books, 3ª ed.